

As relações intergeracionais e o cuidado do idoso

The care of the elderly and intergenerational relations

Roberta dos Santos Tarallo

RESUMO: A presente revisão sistemática buscou evidenciar, na literatura nacional e internacional, o cuidado prestado ao idoso realizado pelos netos. As relações entre avós e netos e os cuidados prestados podem ser entendidos como uma relação de apoio mútuo ou codependência nos diversos contextos familiares. Mesmo sendo frequente e dito como principal o suporte da família no cuidado ao idoso, ainda são escassos os registros sobre o cuidado realizado pelos seus netos; ressalta-se a necessidade de promover estudos diante dessa vertente.

Palavras-chave: Idoso; Cuidado; Relação Intergeracional.

ABSTRACT: *This systematic review aimed to evidence the national and international literature care provided to elderly carried out by grandchildren. The relationship between grandparents and grandchildren and care given can be understood as a mutually supportive relationship or codependency in different family contexts. Even with frequent and said to the main family support in the elderly care, there are few records about the care provided by their grandchildren; emphasizes the need to promote studies on such aspect.*

Keywords: *Elderly; Care; Intergenerational Relationships.*

Introdução

As pessoas estão vivendo mais e, ao chegarem à velhice, o corpo pode ter suportado significativas mudanças fisiológicas decorrente do processo de envelhecer. Quando o idoso precisa de cuidados, no geral, recorre primeiramente à família. A família ainda é a principal fonte de suporte e de cuidado de seus membros e modifica suas funções e estruturas para acolher e cuidar desse familiar, desenvolvendo ações que visem à promoção da saúde e ao tratamento de doenças (Gonzales, 2010; Queroz, 2010; Sebastião, & Albuquerque, 2011).

Em cada cultura, há determinadas formas de lidar com a doença e de cuidar. O cuidado segue princípios culturais, influenciado por crenças sociais, espirituais e valorativas, sendo único e peculiar de cada família, transmitido de geração em geração por meio de símbolos, de linguagem, de práticas e de rituais (Rodrigues, 2013).

O cuidar e o ser cuidado, no âmbito familiar, assumem formas que diferem de acordo com as particularidades de cada pessoa. Quando os idosos dependem de certos cuidados, o modo como os relacionamentos são construídos ao longo da vida pode ser um determinante importante para o estabelecimento das relações com os seus familiares (Queroz, 2010; Azambuja, & Rabinovich, 2013; Rodrigues, 2013).

Para a família, o cuidar pode gerar demandas econômicas, físicas, afetivas e sociais específicas. Por isso, em situações de incapacidade do idoso, faz-se necessário definir um cuidador e distribuir tarefas e despesas entre os membros com vista a minimizar a sobrecarga (Queroz, 2010).

Quando o ato de cuidar e de ser cuidado é considerado estressante, pode resultar em tensões e conflitos entre as diferentes gerações. Algumas dificuldades também podem exacerbar os atritos intergeracionais do cuidado, como a falta de espaço e de equipamento e a necessidade da família de se adaptar às situações pessoais e sociais do idoso. Outras vezes, os familiares cuidadores não possuem a adequada preparação, o conhecimento ou o suporte para assumir a função do cuidar. Mesmo que tentem suprir a assistência usando os próprios recursos e as forças intrínsecas, o desgaste sobrevém, podendo afetar o bem-estar e a saúde da família toda (Postigo, & Honrubia, 2010; Sebastião, & Albuquerque, 2011).

No entanto, se as diferentes gerações tiveram um bom relacionamento antes da situação de dependência, a relação poderá ser mais propensa a ser favorável, predispondo ao apoio mútuo.

Assim, o cuidado com o idoso depende das relações familiares estabelecidas, podendo se tornar uma experiência prazerosa, ou no mínimo enriquecedora (Flores, Borges, Denardin-Budó, & Mattioni, 2010; Postigo, & Honrubia, 2010).

O estudo realizado por Flores e colaboradores (2010) evidenciou que o cuidado possibilita ao cuidador familiar e ao idoso a construção de relações de solidariedade, que valorizam o idoso e o convívio intergeracional, no fortalecimento de vínculos, por meio da presença no ato de cuidar.

O bem-estar do cuidar é representado pela percepção de ganhos subjetivos, de recompensas e do crescimento pessoal, que ocorre como resultado dos cuidados prestados. O relacionamento da família cuidadora pode ser arraigado por fatores dicotômicos como a reciprocidade ou a adversidade, a obrigação ou a satisfação, a preservação ou a perda da identidade do cuidador e o grau de ajustamento da doença (Sebastião, & Albuquerque, 2011).

Sendo assim, o cuidar pode suscitar diversos sentimentos, tanto positivos, quanto negativos. Além de afeição, satisfação e respeito, os conflitos psicológicos, a aflição, o medo e a insegurança podem ser comuns ao longo de toda a evolução da dependência ou da doença que o idoso apresentar (Sebastião, & Albuquerque, 2011; Azambuja, & Rabinovich, 2013).

O cuidado familiar também exige a formação de rede de apoio construída pelas diferentes gerações que, ao compartilhar da experiência do cuidar, pode fortalecer os vínculos afetivos e estreitar relações. A construção de relações, por meio do cuidado, considera essencial a presença do outro, fundamentada no respeito, nas particularidades culturais e no afeto (Flores, *et al.*, 2010).

Deve-se salientar que o ato de cuidar é representado por momentos de atenção, por atitudes de preocupação, de ocupação e de responsabilidade e que o processo de cuidar proporciona apoio, conforto e ajuda, evidenciando cautela e zelo (Schmidt, 2007; Azambuja, & Rabinovich, 2013).

Compreender o cuidado e o contato intergeracional, mediado pelas relações familiares, se faz importante diante das particularidades dessa ação. Além disso, há um expressivo número de gerações coexistindo.

Logo, o desenvolvimento de estratégias também se faz necessário para atender às demandas tanto de quem é cuidado, no caso o idoso, quanto de quem cuida, a família. A obtenção de dados sobre o cuidado intergeracional do idoso, sobretudo dos netos para com os avós, pode ser fundamental para dinamizar medidas que permitam entender a problemática do cuidar e, com isso, encontrar subsídios para efetivas e adequadas orientações (Schmidt, 2007; Sebastião, & Albuquerque, 2011).

Diante dessa premissa, o presente artigo consiste em uma revisão que busca evidenciar na literatura as relações familiares estabelecidas entre avós e netos e o cuidado ao idoso realizado pelos netos.

Métodos

Optou-se pela revisão sistemática sobre o tema *relações entre avós e netos*. As revisões sistemáticas são objetivas, reúnem e avaliam estudos sobre o tema e conduzem à síntese da temática investigada, com o intuito de facilitar o acesso aos resultados e sua interpretação, possibilitando conclusões baseadas em evidências e em dados obtidos de múltiplas fontes (Carvalho, Oliveira, & Ribeiro, 2011).

A revisão sistemática tem como funções principais o reconhecimento da criação intelectual de outros autores, a abertura e a ampliação de conceitos e o apontamento e a avaliação do conhecimento produzido em outras pesquisas. Assim, visando a integrar as pesquisas qualitativas, a revisão bibliográfica sistemática consiste na síntese de estudos, mostrando os objetivos estabelecidos, os métodos utilizados e os resultados obtidos nas pesquisas levantadas (Lopes, & Fracoli, 2008; Carvalho, Oliveira, & Ribeiro, 2011).

O levantamento bibliográfico foi feito nas bases de dados nacionais e internacionais. As bases investigadas foram: AgeLine, Science Direct, SCOPUS, Scielo e revistas brasileiras que abordam a temática gerontológica. Foram selecionados artigos indexados no período de 2006 a 2014. Na busca, utilizaram-se os seguintes termos: idoso, cuidado, avós, netos, relações intergeracionais e família.

Resultados e discussão

O cuidado voltado ao idoso no contexto familiar demanda reflexão sobre diversas perspectivas; por isso, os resultados são apresentados e discutidos quanto à família e os laços intergeracionais; à família e o cuidado com os avós; às relações entre avós e netos; ao cuidado e os conflitos intergeracionais; e à importância da relação entre avós e netos.

A família e os laços intergeracionais

A família é o espaço primário para a constituição e a convivência da relação intergeracional, para a construção de significados e transmissão de valores e para a prestação de apoio, de proteção e de cuidado a seus membros. A família tende a exercer um expressivo papel nas áreas educacional, econômica, doméstica e psicossocial (Lima, 2008; Teixeira, 2008; Teixeira, & Rodrigues, 2009; Gonzales, 2010; Marangoni, & Oliveira, 2010; Arrais, Brasil, Cárdenas, & Lara, 2012; Rodrigues, 2013).

Como instituição social, a família se modifica com a história e a sociedade, apresentando, inclusive, formas e finalidades variadas em uma mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado. A estrutura familiar é determinada por uma complexa integração de fatores econômicos, sociais e culturais que influenciam a forma de organização interna e específica do grupo familiar (Teixeira, 2008; Teixeira, & Rodrigues, 2009).

O contexto familiar é dinâmico e é influenciado pelo meio social e cultural no qual a está inserido. Ao longo da história, as famílias sofreram transformações estruturais, intergeracionais, comportamentais, jurídicas, econômicas e de gênero e, por isso, tendo em vista a heterogeneidade das configurações familiares encontradas no cenário social, não há um modelo familiar único (Marangoni, & Oliveira, 2010; Arrais, *et al.*, 2012; Rodrigues, 2013).

De modo geral, a família é formada por aqueles que estão ligados por grau de parentesco ou afinidade.

Há a constituição de famílias de escolha, cujos membros são determinados conforme o afeto, o vínculo, a atividade social e a intimidade, ou também as famílias de destino, com o predomínio do fator genético e biológico.

Assim, a família pode ser composta por consanguíneos, como os ascendentes, os descendentes, os colaterais, ou ainda agregar parentes, como sogros, cunhados, enteados e, por vezes, incluir os amigos, que compartilham experiências diversas (Bernal, & Anuncibay, 2008).

O contexto familiar também está à mercê de ações, diretas ou indiretas, dos agentes demográficos – como o aumento da expectativa de vida e a diminuição da taxa de natalidade e de mortalidade –, que resultam no envelhecimento da população. Esses fatores, associados às transformações socioculturais, como a migração da zona rural para a zona urbana, acarretam mudanças significativas nas relações familiares, como os padrões, a composição e o cuidado (Sheng, & Settles, 2006; Bernal, & Anuncibay, 2008; Antonucci, Birditt, Sherman, & Trinh, 2011; Lowenstein, Katz, & Biggs, 2011; Wegner, & Benitez, 2013).

Com o aumento da expectativa de vida, os idosos têm maior possibilidade de exercer o papel de avós por muito mais tempo. Os anos de vida compartilhados podem trazer às famílias pontos fortes adicionais, como a resiliência e a solidariedade. As famílias podem prestar alguma forma de apoio e de cuidado aos idosos, principalmente os dependentes, bem como os idosos podem dar suporte financeiro, psicológico e social aos filhos e netos (Hoff, 2007; Waites, 2007; Postigo, & Honrubia, 2010; Wegner, & Benitez, 2013).

Além disso, a longevidade resulta em um aumento no número de famílias multigeracionais, com três, quatro e até cinco gerações coexistindo. Os avós têm a oportunidade de conviver com os netos por um período mais longo. Por outro lado, a queda da taxa de natalidade ocasiona um menor número de membros por geração e, consequentemente, menos netos. Esses fenômenos contribuem para a reestruturação da família, influenciando os relacionamentos entre as gerações e diversificando a dinâmica familiar quando os membros assumem outros e novos papéis (Hoff, 2007; Waites, 2007; Bernal, & Anuncibay, 2008; Marangoni, & Oliveira, 2010; Rodrigues, 2013; Wegner, & Benitez, 2013).

As famílias constituídas em redes de solidariedade intergeracional tendem a apresentar condições mais favoráveis e seguras à saúde e aos cuidados do idoso, pois, convivendo em companhia de seus familiares, o idoso pode estar assistido, tanto em termos de renda quanto em termos de assistência para as tarefas diárias, manutenção de relações interpessoais e vínculos afetivos (Teixeira, 2008).

A família tende a proporcionar suporte afetivo e material necessário à manutenção integral e ao bem-estar dos seus membros, constituindo-se em um espaço onde são construídos laços de solidariedade, podendo ser uma fonte permanente de ajuda. A construção da solidariedade entre gerações é uma forma de caracterizar aspectos comportamentais e emocionais de interação, de coesão, de sentimento, e apoio entre pais e filhos, bem como avós e netos (Waites, 2007; Rodrigues, 2013).

Os laços familiares que se estabelecem de modo duradouro entre os avós e os netos não resultam apenas da presença física. O contato intergeracional é envolto em atenção, preocupação, afeto e partilha, tornando-se marcante no crescimento dos netos e no amadurecimento dos avós. Os laços entre as gerações servem para minimizar a segregação e o preconceito etário. Há evidências de que as relações familiares são fundamentais na promoção do conhecimento de outras faixas etárias e que os avós são menos estereotipados nessas famílias (Oliveira, 2011; Sebastião, & Albuquerque, 2011; Vicente, & Sousa, 2012).

As relações entre avós e netos

De modo abrangente, os aspectos que influenciam as relações entre avós e netos são idade, gênero, mediação dos pais, distância geográfica, trabalho dos netos, saúde dos avós, nível social e educacional, ocorrência de eventos não esperados, linhagem da família (materna ou paterna) e a interação empática, repulsiva ou indiferente (Hoff, 2007; Bernal, & Anuncibay, 2008; Marangoni, & Oliveira, 2010).

Um estudo realizado na Alemanha analisou a mudança e a continuidade das relações intergeracionais entre avós e netos. Quando os netos eram jovens, os avós forneciam determinado suporte, como o cuidado, embora se possa argumentar que tal apoio também é para os pais. Os avós viviam mais perto dos netos mais jovens do que dos netos mais velhos e tinham contato mais frequente com eles.

No momento em que os netos chegavam à idade adulta, os avós precisavam de mais apoio, como consequência da fragilidade e de multimorbidades. Mesmo assim, os avós continuavam a prestar apoio que, na maioria das vezes, era financeiro (Hoff, 2007). Portanto, os padrões de apoio mútuo, financeiro e instrumental, entre avós e netos variam com a idade e a evolução das necessidades.

A relação intergeracional e de cuidado também pode adquirir maior ou menor envolvimento dependendo de vários fatores específicos dos avós, dos netos e da família. Os avós tendem a influenciar na socialização de seus netos no que se refere à continuidade social, ao apoio instrumental, ao conforto emocional e afetivo e à mutualidade na aprendizagem entre as gerações (Hoff, 2007; Waites, 2007; Bernal, & Anuncibay, 2008; Rodrigues, 2013).

Estudos mostram que as relações entre as gerações têm sido baseadas na direção de fluxo de ajuda mútua, na quantidade e na qualidade do suporte, considerando também a proximidade geográfica, a frequência e o tipo de atividades exercidas (Hoff, 2007; Waites, 2007; Bernal, & Anuncibay, 2008; Teixeira, & Rodrigues, 2009).

Nessa perspectiva, o apoio material implica fluxos de recursos monetários, de presentes e de bens aquisitivos; o apoio instrumental se refere a ajuda nas tarefas domésticas, transporte, cuidado e acompanhamento. O suporte emocional é expresso por via de carinho, confiança, empatia e preocupação pelo outro que, no âmbito familiar, podem assumir a forma de visitas periódicas e troca física ou gestual de afeto. O apoio cognitivo se refere à transmissão de experiências e de informação, que pode assumir a forma de conselhos que permitem o entendimento de determinados eventos e situações (Gonzales, 2010).

As relações de solidariedade entre avós e netos podem ser envolvidas em dimensões: consensual e normativa, referentes à troca de valores e de crenças e ao cumprimento das obrigações familiares; afetiva, que se refere ao tipo e à qualidade das relações que se estabelecem entre avós e netos; associativa, relativa à regularidade e às situações de interação; estrutural, em que fatores potencializam ou reduzem a oportunidade de interação social entre as gerações, como a proximidade geográfica ou problemas com saúde; funcional, alusiva à extensão da partilha de recursos e prestação de apoio mútuo de vários tipos, incluindo financeiro, material, instrumental, emocional e cognitivo (Hoff, 2007; Waites, 2007; Bernal, & Anuncibay, 2008).

A relação entre avós e netos pode ser entendida como uma relação de apoio mútuo ou codependência afetiva e financeira, uma vez que os netos dependem economicamente dos avós e os avós dos cuidados dos netos. Os avós contribuem com apoio emocional e financeiro, exercem as funções de aconselhamento e de estabelecimento de regras e limites, contrariando o senso comum sobre a permissividade excessiva dos avós.

Os netos, por sua vez, ajudam nas tarefas domésticas mais simples, como pagar contas, lavar louça, fazer compras; além de contribuírem para o cuidado dos avós dependentes, incutem novas metas e objetivos na vida de seus avós, dando-lhes oportunidade para que se sintam úteis (Schmidt, 2007; Marangoni, & Oliveira, 2010; Postigo, & Honrubia, 2010; Rodrigues, 2013).

A construção de sentidos e significados na relação entre os avós e os netos é dinâmica, e pode ser baseada em fortes laços de solidariedade ou em rígidas relações hierárquicas, apresentando-se como espaço de incentivo, de confronto, de afetos, de conflitos, de cooperação, de atritos ou mesmo de ambiguidade, dependendo dos diferentes papéis construídos e negociados entre os membros, que podem contribuir para aproximá-los ou distanciá-los (Marangoni, & Oliveira, 2010; Alonso, 2011; Rodrigues, 2013).

A família e o cuidado com os avós

Na família, cada geração pode exercer determinadas funções contextualizadas pelas particularidades e pelo período histórico em que está inserida. Logo, as tendências históricas e as características demográficas associadas aos tipos de arranjos familiares influenciam o cuidado, o vínculo e as relações que avós e netos estabelecem (Alonso, 2011; Antonucci, *et al.*, 2011).

Dependendo da origem étnica e cultural, dos valores da família e do contexto social, o cuidado do idoso realizado pelos netos e a relação desses com seus avós podem ser dicotômicos e, ou mesmo, se assemelhar em determinados aspectos. Na Tailândia, os netos, além de fazer companhia para os avós, quando atingem certa idade e condições físicas, ajudam com as tarefas domésticas (Knodel, & Chayovan, 2009).

Nas famílias brasileiras, o cuidado informal geralmente é estabelecido por meio do contrato intergeracional, no qual os idosos que cuidaram dos seus filhos e netos esperam ser cuidados por eles na velhice. Logo, a função de cuidar e de ser cuidado é motivada pelo sentimento de reciprocidade, de responsabilidade, de gratidão e de afeto (Wegner, & Benitez, 2013).

A pesquisa de Schmidt (2007) realizada com estudantes e seus respectivos avós, por meio de entrevistas e relatos diários, revelou que os netos retribuíaam os cuidados ao cuidarem de seus avós. Os netos demonstravam afeto, carinho e preocupação e manifestavam esses sentimentos com atitudes zelosas, de satisfação e de felicidade em poder auxiliar os avós. Para os netos, era gratificante poder contribuir e ser prestativo. Os netos também relataram admirar seus avós, vendo-os como modelos a serem seguidos. Os avós, por sua vez, mostraram aprendizado e mudança de comportamento a partir da convivência com os netos, ao se tornarem mais flexíveis e amorosos e ao terem mais paciência no que tange às relações humanas. Por fim, os avós confirmaram que os netos, que coabitavam ou faziam visitas com muita frequência, eram mais pacienciosos, cuidadosos e preocupados.

O contato diário ou semanal e a coabitação podem ser condição para florescer e cristalizar a reciprocidade intergeracional entre avós e netos.

A sociedade japonesa expressa taxa relativamente alta de coabitação entre gerações, que é legitimada e reforçada pelas normas culturais que promovem a integração familiar das pessoas idosas. No Japão, um estudo realizado por Takagi e Silverstein (2006), com 855 idosos que moravam com pelo menos um filho e um neto, evidenciou que a relação com os netos era harmoniosa e estes eram vistos como parceiros. Além disso, a pesquisa salientou que a coabitação intergeracional dependia mais das contingências de apoio instrumentais do que dos valores culturais tradicionais.

A coabitação intergeracional molda de modo positivo ou negativo as atitudes em direção ao arranjo familiar. O fato de compartilhar o espaço físico possibilita a troca de renda e de recursos, de cuidados domésticos e de saúde. Em determinadas situações, a coabitação pode beneficiar tanto as gerações mais novas quanto as gerações mais velhas (Takagi, & Silverstein, 2006; Teixeira, 2008; Teixeira, & Rodrigues, 2009).

Vale ressaltar que a simples convivência de idosos com filhos e netos não é garantia de valorização ou ausência de conflitos, mas a qualidade das relações familiares tem o potencial de influenciar os valores e as decisões para o cuidado e para a coabitação entre as gerações (Schmidt, 2007).

No Canadá, com o objetivo de examinar a coabitação de idosos e seus cuidadores familiares, um estudo foi realizado com idosos frágeis, canadenses e imigrantes haitianos, que viviam no mínimo um ano com filhos e netos.

As famílias canadenses que mantinham certo distanciamento geracional estabeleceram a coabitação de avós e netos de forma abrupta, gerando consequentes conflitos. Já os netos de origem haitiana se mudaram para a residência de seus avós em um processo gradual e marcado por etapas: primeiro, os netos passavam algumas noites; em seguida, todas as noites; ficavam os fins de semana e, finalmente, mudavam-se permanentemente para a casa dos avós. Percebeu-se então que os caminhos de realocação divergiram de acordo com a cultura (Firbank, & Johnson-Lafleur, 2007).

Sendo assim, a relação entre avós e netos é única e pode ser alterada ou modificada pelas mudanças e valores individuais, culturais, sociais e familiares.

Conflitos e cuidados intergeracionais

Diante das relações e dos cuidados intergeracionais, os conflitos podem aparecer porque as gerações têm diferentes padrões sociais e culturais. Os avós, seus filhos e netos, vivem diferentes trajetórias. O que para uma geração é considerado importante, para as seguintes pode não ser mais, surgindo assim os confrontos de ideias entre os diferentes grupos etários. A divergência entre as gerações mais novas e as mais velhas também pode ser resultado do desconhecimento e, conseqüentemente, da não tolerância de algumas limitações ou dificuldades decorrentes do processo de envelhecimento (Schmidt, 2007; Waites, 2007; Wegner, & Benitez, 2013).

De modo mais específico, quando os netos assumem o papel de cuidador de seus avós, a relação entre as duas gerações pode ser conflituosa devido à inversão de papéis. O ato de cuidar nas relações familiares cabe aos pais, tios e avós, porém, nesse caso, a relação de cuidado dos netos para com os avós é contrária (Schmidt, 2007).

As divergências intergeracionais podem ser agravadas quando não há um espaço de diálogo entre avós e netos. As estruturas sociais atuais, por vezes, separam os avós de seus netos. As interações limitadas entre avós e netos permitem pouca oportunidade de troca e conhecimento sobre o outro, e pouca chance de compartilhar experiências e histórias. A qualidade da vida afetiva entre avós e netos exige um posicionamento mais flexível e aberto das gerações, diante da necessidade de construir, também na família, a cultura do respeito à diferença e da solidariedade intergeracional (Waites, 2007; Marangoni, & Oliveira, 2010).

Deve-se considerar que o ato de cuidar pode gerar estresse; por ser caracterizado como responsabilidade da família, o cuidado ao idoso pode ser afetado pela dificuldade econômica, que acarreta a falta de recursos e condições necessárias para o cuidar, gerando conflitos. Essa tensão, porém, pode ser diminuída quando mediada por afeto, atenção e autopercepção dos papéis naquele momento, proporcionando benefícios quando estratégias de enfrentamento são desenvolvidas, o que permite aos familiares serem bons cuidadores (Schmidt, 2007; Postigo, & Honrubia, 2010; Wegner, & Benitez, 2013).

A importância da relação entre avós e netos

Diante do envelhecimento e das demandas surgidas, faz-se necessária a atuação mais efetiva de todas as instituições sociais (educacional, governamental) no que diz respeito à tutela do idoso, pois delegar uma responsabilidade de cuidados apenas à família significa colocar esses indivíduos à mercê de inúmeros problemas que podem comprometer seriamente a qualidade dos relacionamentos familiares e da saúde em geral. Assim sendo, atentar para a qualidade de vida do idoso que carece de cuidados significa também cuidar da qualidade de vida de toda a família, pois as condições de cada indivíduo influenciarão no apoio que irá receber ou no suporte que deverá provisionar (Alonso, 2011).

A troca intergeracional, quando estimulada, mediada e controlada pelas gerações intermediárias, pais ou profissionais, instiga o envolvimento, o cuidado e o contato mais profícuo entre avós e netos.

A qualidade dos vínculos afetivos, relacionais e comunicacionais entre as gerações favorece o sentimento de segurança, de bem-estar e de pertença, contribuindo para o cuidado efetivo e para a produção de papéis e representações sociais, reforçando a coesão e a integração intergeracional (Oliveira, 2011; Rodrigues, 2013).

A convivência com os avós reflete na educação para a velhice, pois apresenta um conhecimento a ser ouvido e valorizado, principalmente quando os avós transmitem aos netos a forma de se portar, reagir, enfrentar os problemas e aceitar as perdas que perpassam a existência humana.

Os avós também têm um papel imprescindível na vida dos netos e da família, pois funcionam como intermediários entre o passado, o presente e o futuro (Schmidt, 2007).

Quando as relações entre avós e netos são positivas e favoráveis, os efeitos sobre as atitudes em relação à outra geração são mantidos ao longo do tempo, mesmo que o contato tenha diminuído ou desaparecido. Isso pode indicar que a diminuição da influência de estereótipos negativos relacionados à idade pode ser iniciada na infância, refletindo em uma convivência mais pacífica e positiva, resultado de atitudes de tolerância e colaboração intergeracional (Postigo, & Honrubia, 2010).

A transmissão cultural entre avós e netos e o contexto social e histórico são elementos essenciais para a compreensão das relações sociais tecidas no âmbito familiar. As trocas intergeracionais consistem em um processo de alternância entre continuidade e descontinuidade, cujos valores tradicionais e modernos ora se suplantam, ora coexistem. Assim, os padrões de convivência e cuidado exigem que os papéis da família sejam redimensionados no âmbito das relações intergeracionais (Marangoni, & Oliveira, 2010).

Os avós têm um papel fundamental como detentores de sabedoria e de cultura. Eles podem desempenhar uma ou diversas funções e podem adotar diferentes padrões na relação com o neto e com a família. Quanto aos estilos de ser avô e avó e ao tipo de cada um, é evidente a heterogeneidade da avosidade. Em geral, os avós se restabelecem e/ou exercem papéis de pais substitutos; expressam a importância de sua experiência e sabedoria quando há a transferência de valores, atitudes e história; na diversão podem servir como fontes ou buscar entretenimento; podem atuar também como detentores de bens materiais ou até mesmo ser uma figura periférica na família e na vida dos netos.

Ainda há a classificação que distingue os avós em: formais, distantes, divertidos, confidentes e guias (Hoff, 2007; Warburton, & Chambers, 2007; Bernal, & Anuncibay, 2008; Vicente, & Sousa, 2012b; Rodrigues, 2013).

Estudos revelam que os netos tendem a ter uma relação construtiva, gratificante, agradável e afetuosa com os seus avós e mostram um desejo de maior contato em termos de frequência e intensidade com o intuito de partilhar momentos comemorativos e do cotidiano. Por outro lado, ao alcançar certa idade, os netos tendem a afastar-se dos avós, cabendo, nesse momento, a educação para as relações intergeracionais.

Desse modo, os netos também podem ser percebidos como integrantes da relação intergeracional, apresentando-se como agentes ativos e empreendedores do cuidado e da intergeracionalidade (Hoff, 2007; Bernal, & Anuncibay, 2008; Antonucci, *et al.*, 2011; Oliveira, 2011).

No âmbito intergeracional, cuidar e ser cuidado envolve, direta ou indiretamente, as dinâmicas familiares, sociais, culturais, psicológicas, econômicas e estruturais tanto do idoso, na figura do avô, quanto da família e do neto, que ao mesmo tempo podem depender e amparar uns aos outros.

Considerações finais

O presente artigo evidenciou a necessidade de estudos nacionais e internacionais sobre o cuidado de idosos intermediado por netos. Cuidar dos avós já é uma realidade social presente em diversas famílias atuais, principalmente, em decorrência do aumento da expectativa de vida da população, que resulta na longevidade. Contudo, no contexto acadêmico ainda são escassas as pesquisas sobre netos que cuidam de seus avós.

Tendo em vista as transformações na família e na sociedade que segregam as gerações, tornam-se fundamentais projetos e programas que promovam espaços construtivos e saudáveis de interações entre avós e netos, para que ambas as gerações possam estabelecer novos vínculos intergeracionais marcados pela experiência de cuidado, respeito, inclusão e solidariedade. Cabe, assim, a atuação de profissionais capacitados dentro de uma perspectiva interdisciplinar para realizar tal intermediação entre avós e netos.

Referências

- Alonso, F.R.B. (2011). *Envelhecimento e vulnerabilidade: a inserção do idoso na família e o sentido dos fluxos intergeracionais na geração de capital social*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).
- Antonucci, T.C., Birditt, K.S., Sherman, C.W., & Trinh, S. (2011). Stability and change in the intergenerational family: a convoy approach. *Ageing & Society, Cambridge Journals*, 31(7), 1084-1106.
- Arrais, A.R., Brasil, K.C.T.R., Cárdenas, C.J., & Lara, L. (2012). O lugar dos avós na configuração familiar com netos adolescentes. São Paulo (SP): *Revista Kairós Gerontologia*, 15(1), 159-176.
URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/13111/9640>
- Azambuja, R.M.M., & Rabinovich, E.P. (2013). Relações intergeracionais: concepções de netos sobre avós cuidadores. *II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades*, Belo Horizonte (MG).
- Bernal, J.G., & Anuncibay, R.F. (2008). Intergenerational Grandparent/Grandchild Relations: The Socioeducational Role of Grandparents. *Educational Gerontology, Taylor & Francis Group*, 34, 67-88.
- Carvalho, A.S., Oliveira, F.B., & Ribeiro, E.A. (2011). Aspectos relevantes na confecção de uma revisão sistemática e metanálise. Araxá (MG): *Evidência*, 7(7), 229-236.
- Firbank, O.E. & Johnson-Lafleur, J. (2007). Older Persons Relocating With a Family Caregiver: Processes, Stages, and Motives. *Journal of Applied Gerontology, The Southern Gerontological Society*, 26(2), 182-207.
- Flores, G.C., Borges, Z.N., Denardin-Budó, M.L., & Mattioni, F.C. (2010). Cuidado intergeracional com o idoso: autonomia do idoso e presença do cuidador. Porto Alegre (RS): *Revista Gaúcha Enfermagem*, 31(3), 467-474.
- Gonzales, G.C.A. (2010). Envelhecimento, família e transferências intergeracionais em Montevideu, Uruguai. Dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).
- Hoff, A. (2007). Patterns of intergenerational support in grandparent-grandchild and parent-child relationships in Germany. *Ageing & Society, Cambridge Journals*, 27(5), 643-665.
- Knodel, J., & Chayovan, N. (2009). Intergenerational Relationships and Family Care and Support for Thai Elderly. *Ageing Int, Springer Science & Business Media*, 33(1-4), 15-27.
- Lima, C.R. (2008). *Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*. Campinas (SP): Alínea.

- Lopes, A.L.M., & Fracolli, L.A. (2008). Revisão sistemática de literatura e metassíntese qualitativa: considerações sobre sua aplicação na pesquisa em enfermagem. Florianópolis (SC): *Texto Contexto Enferm.*, 17(4), 771-778.
- Lowenstein, A., Katz, R., & Biggs, S. (2011). Rethinking theoretical and methodological issues in intergenerational family relations research. *Ageing & Society, Cambridge Journals*, 31(7), 1077-1083.
- Marangoni, J., & Oliveira, M.C.S.L. (2010). Relacionamentos intergeracionais: avós e netos na família contemporânea. In: Falcão, D.V. (Org.). *A família e o idoso: desafios da contemporaneidade*, 37-56. Campinas (SP): Papirus.
- Oliveira, C. (2011). Relações Intergeracionais: um estudo na área de Lisboa. Dissertação de mestrado. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa (Portugal).
- Postigo, J.M.L., & Honrubia, R.L. (2010). The co-residence of elderly people with their children and grandchildren. *Educational Gerontology, Taylor & Francis Group*, 36, 330-349.
- Queroz, N.C. (2010). Aspectos do conhecimento psicogerontológico para a atenção à família, ao cuidador e às instituições de idosos fragilizados. In: Falcão, D.V.S. (Org.). *A família e o idoso: desafios da contemporaneidade*, 111-128. Campinas (SP): Papirus.
- Rodrigues, J.P.V. (2013). *Os avós na família e sociedade contemporâneas: uma abordagem intergeracional e intercultural*. Tese de doutorado em Psicologia – Especialidade Psicologia Intercultural. Universidade Aberta.
- Schmidt, C. (2007). *As relações entre avós e netos: possibilidades co-educativas?* Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS).
- Sebastião, C., & Albuquerque, C. (2011). Envelhecimento e dependência. Estudo sobre os impactos da dependência de um membro idoso na família e no cuidador principal. São Paulo (SP): *Revista Kairós Gerontologia*, 14(3), 25-49.
URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/10048/7478>
- Sheng, X., & Settles, B.H. (2006). Intergenerational Relationships and Elderly Care in China: A Global Perspective. *Current Sociology, SAGE* (London, Thousand Oaks & New Delhi), 54(2), 293-313.
- Takagi, E., & Silverstein, M. (2006). Intergenerational Coresidence of the Japanese Elderly: Are Cultural Norms Proactive or Reactive? *Research on Aging, Sage Publications*, 28(4), 473-492.
- Teixeira, S.M. (2008). Família e as formas de proteção social primária aos idosos. São Paulo (SP): *Revista Kairós Gerontologia*, 11(2), 59-80.
URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2393/1486>.
- Teixeira, S.M., & Rodrigues, V.S. (2009). Modelos de família entre idosos: famílias restritas ou extensas? Rio de Janeiro (RJ): *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 12(2), 239-254.

Vicente, H.T., & Sousa, L. (2012). Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional. São Paulo (SP): *Revista Kairós Gerontologia*, 15 (N.º Especial 11, Temática “Redes Sociais e Velhice”, 99-117.

URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/12780/9270>.

Waites, C.E. (2007). Grandparents Communicating with Grandchildren: Fostering Intergenerational Understanding. *Journal of Health & Social Policy*, Haworth Press, 149-165.

Warburton, J., & Chambers, B. (2007). Older Indigenous Australians: their integral role in culture and Community. *Australasian Journal on Ageing, The Authors Journal Compilation, ACOTA*, 26(1), 3-7.

Wegner, E., & Benitez, L.B. (2013). O idoso no contexto familiar: a função de cuidado. Santa Cruz do Sul (RS): *Revista Jovens Pesquisadores*, 3(2), 92-101.

Recebido em 09/05/2015

Aceito em 30/06/2015

Roberta dos Santos Tarallo - Mestra em Gerontologia pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Graduada em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

E-mail: r_tarallo@yahoo.com